



A INFLUÊNCIA DA TRADIÇÃO ANGLO-SAXÔNICA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS BRASILEIROS: O QUE MUDOU (OU NÃO) NOS ÚLTIMOS 15 ANOS?

Fernanda Roda Cassundé

Doutora em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Professora da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Brasil.
E-mail: fernanda.roda@univasf.edu.br

Milka Alves Correia Barbosa

Doutora em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Professora da Universidade Federal de Alagoas, Brasil.
E-mail: milka.correia@gmail.com

José Ricardo Costa de Mendonça

Doutor em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Professor da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.
E-mail: jrcm@ufpe.br

Resumo

Este estudo tem o propósito de fazer uma releitura do contexto acadêmico em que os estudos organizacionais estão sendo desenvolvidos no Brasil nos últimos 15 anos. Para tanto, retoma-se a discussão iniciada por Rodrigues e Carrieri (2001) em que os autores apresentam a evolução dos estudos organizacionais no país até 1999. Utilizando-se do método comparativo, refez-se o percurso metodológico seguido pelos autores no sentido de possibilitar uma comparação entre os resultados obtidos em 2001 e os de 2015. Ajustes metodológicos foram realizados no sentido de ampliar a base de dados para a pesquisa. Os resultados indicam que, nos últimos 15 anos, não houve grandes mudanças no desenvolvimento da produção científica dos estudos organizacionais brasileiros. Nesse sentido, os dados mostraram que nas produções no Brasil e, especificamente, nos estudos organizacionais, permanece a hegemonia anglo-saxônica como corrente teórica. Destaque-se ainda a contribuição do presente estudo, ao analisar o “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, possibilitando o monitoramento do alcance das pesquisas desenvolvidas em um período de tempo específico, ao mesmo tempo em que sinaliza que crescimento quantitativo não implica, necessariamente, critério de avanço no campo de investigação.

Palavras-chave: Estudos Organizacionais. Produção Científica em Administração. Bibliometria. Estudo comparativo.

THE INFLUENCE OF THE ANGLO-SAXON TRADITION IN THE BRAZILIAN ORGANIZATIONAL STUDIES: WHAT HAS IT CHANGED (OR NOT) IN THE LAST 15 YEARS?

Abstract

The aim of this study was to revisit the academic context in which Brazilian organizational studies have been developed in the last fifteen years. For this purpose, it was retaken the discussion initiated by Rodrigues and Carrieri (2001) in which the authors presented the evolution of organizational studies in Brazil until 1999. Using the comparative method, the methodological approach followed by the authors was remade in order to allow a comparison between the results obtained in the 2001 and 2015. Methodological adjustments were made to broaden the database for research. The results of this study

indicate that in the last 15 years, there were no major changes in the development of the scientific production of Brazilian organizational studies. In fact, data showed that the hegemony of Anglo-Saxon remains in production and organizational studies continue to refer as the dominant theoretical current. Importantly, the contribution of the present study in analyzing the "state of the art" or "state of knowledge" and monitoring the reach of research developed in a specific period of time, as well as showing that quantitative growth does not necessarily imply, advancement criteria in the research field.

Keywords: *Organizational Studies. Scientific Production in Administration. Bibliometrics. Comparative study.*

1 INTRODUÇÃO

Os fenômenos estudados pelo campo da Administração trazem em si uma complexidade que lhes são bastante peculiares, e, como tais, não são encontrados de forma análoga nas ciências naturais ou sistemas orgânicos, tampouco podem ser compreendidos somente reduzindo-os a sua dimensão quantificável e analítica, ou seja, a partir de uma ótica reducionista.

A influência do paradigma positivista, segundo Reed (2007) pode ser sentida até o final da década de 1990 na produção dos estudos organizacionais no Brasil, praticamente dominada pela ortodoxia positivista, contribuindo apenas com alguns acréscimos conceituais e teóricos às estruturas de conhecimento já anteriormente existentes, isso inclui linhas de pesquisa de inspiração estrangeira, com predomínio absoluto de referências bibliográficas de países anglo-saxões, principalmente Estados Unidos (TONELLI, 2015).

Na medida em que o paradigma positivista não conseguiu dar conta da complexidade dos processos e fenômenos estudados pela Administração, começamos a nos apropriar de métodos de pesquisa utilizados nas ciências humanas e sociais como Sociologia, Economia, Psicologia, Ciência Política, Antropologia, entre outros. Sob esta perspectiva, percebe-se que a Administração vem se apoiando num verdadeiro mosaico de áreas de conhecimento (WAIANDT; FISCHER, 2013) e isso não estaria sendo possível se a área estivesse ainda insistindo num mesmo e único paradigma - seja ele positivista, pós-positivista, construtivismo, teoria crítica, pragmático, emancipatório (CRESWELL, 2010). Nesse sentido, é possível dizer que:

os estudos organizacionais possuem uma identidade múltipla, ou seja, são constituídos por teorias e vertentes que contemplam diferentes fundamentações científicas para explicarem os fenômenos que pesquisam. No entanto tais estudos enraízam-se em seus propósitos paradigmáticos e em suas vertentes teóricas sempre com o intuito de privilegiar uma determinada ótica do conhecimento já legitimada por pesquisadores antigos. Observa-se, assim, um receio de implementar uma perspectiva científica integrativa que conceda operacionalização a esta pluralidade dos estudos organizacionais. (MUNCK; SOUZA, 2010, p. 96).

Neste ponto é necessário esclarecer que, apesar da possibilidade da adoção de uma perspectiva multiparadigmática (LEÃO; MELLO; VIEIRA, 2009), isto não implica necessariamente que as pesquisas adotem esta perspectiva. O conhecimento científico, que leva ao fortalecimento da ciência, deve assumir caráter reconstrutivo visto que não se parte do zero. O que mais se faz é retomar o conhecimento disponível e refazê-lo; e isso não, necessariamente, significa reprodução (DEMO, 2009).

Entretanto, a qualidade da produção científica nacional em Administração não é uma discussão recente. Podemos atribuí-la, também, a aspectos institucionais e culturais, com destaque para nossa tendência ao mimetismo do que é produzido nos Estados Unidos e países anglo-saxônicos. Nesse sentido, Rosa e Alves (2011) questionam se o conhecimento em gestão e organização pode falar um idioma diferente do Inglês. Obviamente que o ponto principal aqui não é somente a predominância da língua, mas a reprodução de toda uma lógica colonial que tende a marginalizar aquilo é produzido fora do dito “padrão”. Uma outra reflexão que se coloca neste ponto é: o acesso às bases de dados privilegia periódicos e outras fontes que não somente os de língua inglesa?

Segundo Mascarenhas, Zambaldi e Moraes (2011) foi na última década que o debate sobre a qualidade da produção científica em Administração consolidou-se, revelando a existência de desafios que demandam reflexão: quais são os problemas abordados? Quais as contribuições dos textos produzidos pelos pesquisadores brasileiros? Para quem é feita a produção? Que diálogos são promovidos junto a outras esferas da sociedade?

Assim, o fato das publicações brasileiras da área ainda serem caracterizadas por falta de originalidade e ênfase na formalização não se deve apenas às razões puramente metodológicas e científicas. Há, sim, um componente político neste cenário que permite a alguns grupos dominantes imporem a definição de ciência segundo a qual a realização mais acabada da mesma consiste em ter, ser e fazer, o que eles têm, são e fazem (MISOCZKY; AMANTINO-DE-ANDRADE, 2005). O mais crítico neste cenário é que os pesquisadores se prendem a disputar o que é mais certo, o que é mais definitivo, o mais verdadeiro, o academicamente aceito, e se esquecem de buscar o mais válido, o mais relevante.

Este artigo, portanto, toma como inspiração o texto de Rodrigues e Carrieri (2001) em que os autores discutem a evolução dos estudos organizacionais no país com base nas publicações até o ano de 1999. Assim, refaz-se o percurso metodológico seguido pelos autores no sentido de possibilitar, a partir dos resultados obtidos àquela época com os atuais, uma análise da evolução (ou não) da área. Passados, aproximadamente, 15 anos da publicação do artigo original, considerando que o aumento da produção acadêmica na área “desperta reflexões, pois se conhece como gradual a curva ordinária de amadurecimento de uma comunidade científica” (MATTOS, 2008, p. 144), questiona-se: o que mudou (ou não) nos estudos organizacionais brasileiros? Continua, a área, com uma forte influência anglo-saxônica? Nesse sentido, este artigo tem como objetivo fazer uma releitura do contexto acadêmico em que os estudos organizacionais estão sendo desenvolvidos no Brasil, por meio da retomada da discussão iniciada por Rodrigues e Carrieri (2001).

2 O QUE SE DISCUTIA 15 ANOS ATRÁS?

A expressão que denomina a área, “Estudos Organizacionais”, originária de um construto anglo-saxão (MISOCZKY; FLORES; GOULART, 2015), notadamente dentro de visão eurocêntrica dominante (RODRIGUES; CARRIERI, 2001; JUSTEN et al., 2012), constitui um campo de pesquisa que apresenta, desde sua origem, limitações importantes de investigação, inclusive de cunho positivista (MISOCZKY; AMANTINO-DE-ANDRADE, 2005).

Os estudos organizacionais, inicialmente, procuraram antecipar e analisar a nascente transformação ideológica-estrutural moldada pelo capitalismo cujas mudanças econômicas, políticas e sociais impostas definiram um novo mundo, completamente distinto daquele do século XVIII (REED, 1996). Assim, tem-se bases históricas dos estudos organizacionais profundamente enraizadas em escritos sócio-políticos de pensadores do século XIX, a exemplo de Saint-Simon, reunidos a partir da segunda metade deste século em diante.

Autores como Whitley (1995), Clegg e Hardy (1996), Reed (1996) e Chanlat (2008) expuseram as disfunções históricas e contextuais do percurso de evolução da área,

questionando, inclusive, a hegemonia das teorias anglo-saxônicas formadoras do *mainstream* desse campo. Importante considerar neste momento que o uso desta expressão em inglês (*mainstream*) já expressa a dominação da perspectiva anglo-saxônica e constitui a adesão à “corrente principal” nos estudos organizacionais.

Considerado por Reed (1996, p. 33), nesse sentido, como um terreno historicamente contestável, “um campo de conflitos históricos em que diferentes línguas, abordagens e filosofias lutam para reconhecimento e aceitação”, os estudos organizacionais são apresentados como uma área marcada por disputas teóricas (RODRIGUES; CARRIERI, 2001). A interação e “contestação de tradições intelectuais rivais implica a existência de entendimentos negociados e relacionados a dado contexto e situação histórica, que tornam a argumentação racional possível” (REED, 2007, p. 65), isso significa que diferentes visões, de como devem ser compreendidas e estudadas, são consideradas a respeito das organizações (FACHIN; RODRIGUES, 2007), ou seja, a prática social deve ser situada em dado contexto histórico (ONUMA; TEIXEIRA; MOREIRA, 2013). Isso posto, são apresentados, no Quadro 1, os modelos teóricos formadores do campo intelectual de conflitos históricos em que a análise organizacional foi desenvolvida.

Quadro 1 – Narrativas analíticas em análise organizacional

Modelo de metanarrativa interpretativa	Problemática principal	Perspectivas ilustrativas/exemplos	Transições contextuais
Racionalidade	Ordem	Teoria das Organizações clássica, administração científica, teoria da decisão, Taylor, Fayol, Simon	<i>de</i> Estado guarda-noturno <i>a</i> Estado industrial
Integração	Consenso	Relações Humanas, neo-RH, funcionalismo, teoria da contingência/sistêmica, cultura corporativa, Durkheim, Barnard, Mayo, Parsons	<i>de</i> capitalismo empresarial <i>a</i> capitalismo do bem-estar
Mercado	Liberdade	Teoria da firma, economia institucional, custos de transação, teoria da atuação, dependência de recursos, ecologia populacional, Teoria Organizacional liberal	<i>de</i> capitalismo gerencial <i>a</i> capitalismo neoliberal
Poder	Dominação	Weberianos neo-radical, marxismo crítico-estrutural, processo de trabalho, teoria institucional, Weber, Marx	<i>de</i> coletivismo liberal <i>a</i> corporativismo negociado
Conhecimento	Controle	Etnometódo, símbolo/cultura organizacional, pós-estruturalista, pós-industrialista, pós-fordista/moderno, Foucault, Garfinkel, teoria do ator-rede	<i>de</i> industrialismo/modernidade <i>a</i> pós-industrialismo/pós-modernidade
Justiça	Participação	Ética de negócios, moralidade e OB, democracia industrial, teoria participativa, teoria crítica, Habermas	<i>de</i> democracia repressiva <i>a</i> democracia participativa

Fonte: Reed (2007, p. 65)

Desenvolvendo-se, no Brasil, a partir do início da década de 80 do século XX, e ampliando-se, especialmente, durante os anos 90 (DAVEL; ALCADIPANI, 2002), as pesquisas na área foram estimuladas pelos programas de pós-graduação em administração do país e influenciados pela estrutura americana de estudos gerenciais no processo de institucionalização desse modelo (RODRIGUES; CARRIERI, 2001).

A união entre pesquisa, ensino e pós-graduação *stricto sensu* “explica o aumento da produção científica” (BERTERO, 2006, p. 99), impulsionando, inclusive, os eventos na área.

Em 1998, o Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação (Enanpad) já contava com duas áreas vinculadas aos estudos organizacionais: a de organizações e a de organizações/estratégia (administração estratégica, a partir de 1999). Em 2000, é realizado o 1º Encontro Nacional de Estudos Organizacionais (Eneo), em Curitiba. No ano seguinte, o campo se divide novamente no Enanpad, acrescentando-se a área de organizações/comportamento organizacional. Em 2002 ocorre o segundo Eneo, em Recife, e em 2004, o terceiro encontro (CRUBELLATE, 2005, p. 1).

Dessa maneira, o debate sobre condições e critérios que motivam temas e métodos desse campo tornou-se bastante amplo, complexo e relevante (MARTINS, 1996), inclusive em virtude da qualidade, continuidade e aprofundamento que permeiam esta área de pesquisa (CRUBELLATE, 2005), já que, “o desenvolvimento e a consolidação da Administração como uma área de conhecimento com características próprias têm levado a saudáveis reflexões sobre a qualidade da produção científica no campo” (LOPES; BERNARDES, 2001, p. 92; MOTA et al., 2010).

De uma maneira geral, o retrato da produção científica em estudos organizacionais em Administração, para as décadas de 80 e 90, apontava para um cenário nada animador para a área no Brasil:

- Predominavam as associações a modelos americanos nos estudos, conforme apontaram Bertero e Keinert (1994);
- Predominava o enfoque prescritivo e funcionalista, de acordo com o levantamento feito por Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), dos assuntos das principais publicações na área de Organizações. Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999) corroboram, mais tarde, com tais autores quanto ao aspecto funcionalista da produção científica;
- Com relação ao método, o estudo de caso era o mais utilizado, segundo Rodrigues e Carrieri (2001);
- Havia hegemonia americana com relação à nacionalidade dos autores usados para as citações nos estudos, conforme Vergara e Pinto (2001);
- Os artigos brasileiros davam mais ênfase à produção de fora do país e tendiam a não privilegiar instância argumentativa, segundo Hemais e Vergara (2001); e,
- Ainda prevaleciam métodos tradicionais de orientação positivista em estudos organizacionais, para Vergara e Peci (2003).

Salienta-se que, dado ao passado recente da área no país, o campo dos estudos organizacionais parece “ter sido marcado pela evolução, ao menos, em termos de formalização do campo” (CRUBELLATE, 2005, p. 1).

A seguir, apresentam-se os caminhos metodológicos percorridos para realização desse estudo.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para elaboração desse estudo foi tomado como princípio orientador o método comparativo, pois se considera que, através do raciocínio comparativo, é possível descobrir “regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias,

identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais” (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998, p. 1).

Nesse sentido, retoma-se a discussão iniciada por Rodrigues e Carrieri (2001) em que os autores apresentam a evolução dos estudos organizacionais no país, os temas mais relevantes e a predominância dessa área no contexto da área de administração através dos dados disponíveis até o ano de 1999.

O caminho trilhado pelos autores foi refeito com o propósito de possibilitar uma comparação dos resultados obtidos àquela época com os atuais.

Alguns ajustes metodológicos foram feitos, quais sejam:

- Foi utilizado um corte temporal aplicado, *a priori*, para validar os artigos recuperados na busca. Desse modo, considerou-se apenas os artigos publicados a partir de 2000, tendo em vista que o artigo tomado como base para realização desse estudo considerou as publicações até o ano de 1999;
- Considerando a atual acessibilidade às bases de dados disponíveis *online*, para esse estudo, o escopo foi ampliado, de modo que a pesquisa foi realizada no *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL). Apesar de Rodrigues e Carrieri (2001) terem pesquisado nos principais periódicos acadêmicos da época (RAC, RAE, RAP e RAUSP até o ano de 1999), havia a limitação de acesso aos textos em razão do acesso a internet ainda ser incipiente bem como a indisponibilidade dos textos para consulta *online*. Isso posto, a base de dados do SPELL foi definida como fonte de pesquisa, pois, atualmente, configura-se como o principal sistema de indexação, pesquisa e disponibilização gratuita da produção científica na área de Administração, Contabilidade e Turismo no país. Em agosto de 2015, havia 94 periódicos indexados, disponibilizando mais de 31.000 artigos para consulta, com acervo eletrônico completo e textos desde a década de 60;
- A recuperação dos artigos no SPELL foi realizada, durante o mês de agosto de 2015, mediante a busca a partir de categorias analíticas que deveriam constar como palavra-chave definida no artigo: estudos organizacionais. É importante mencionar que o enquadramento dos artigos na área foi feito pelos próprios autores ao definirem as palavras-chave de seus trabalhos. Assim, foram selecionados, ao todo, 104 artigos válidos;
- Optou-se por não realizar a pesquisa nos anais do Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (EnANPAD) por três razões principais, quais sejam: (1) a estruturação do evento sofreu alterações ao longo dos anos em termos de definição de áreas, e com a mudança na estrutura não foi possível padronizar a busca dos artigos. A área de Estudos Organizacionais (EOR) só foi efetivamente criada em 2005 com apenas três temas de interesse (ESO-A: Estratégia em Organizações; ESO-B: Gestão Internacional e ESO-C: Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor). A partir de 2009, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação (ANPAD) adota o esquema de divisões e comitês científicos. A área de EOR passou a ter treze temas de interesse (Tema 1 - Abordagem institucional nos estudos organizacionais; Tema 2 - Aproximando EOR e RT: uma (re)leitura das relações de trabalho; Tema 3 - Conhecimento e aprendizagem nas organizações; Tema 4 - Discursos, comunicação e organizações; Tema 5 - Formas organizacionais e práticas de gestão; Tema 6 - Gênero e diversidade em organizações; Tema 7 - Indivíduos, grupos e comportamento humano em organizações; Tema 8 -

Mudança e inovação em organizações; Tema 9 - Práticas de gestão em empresas familiares; Tema 10 - Redes e Relacionamentos intra e interorganizacionais; Tema 11 - Simbolismo, cultura, identidade e subjetividade em organizações; Tema 12 - Teoria Crítica e práticas transformadoras em organizações; Tema 13 - Temas livres); (2) não há critério de busca por palavras-chave na base de dados do evento, pois não é exigido na formatação padrão dos artigos este elemento; e (3) com a classificação Qualis (sistema de avaliação de periódicos da CAPES) e “à implantação do atual modelo de avaliação da pós-graduação **stricto sensu** pela agência estatal de financiamento, regulação e controle” (PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015, p.2), a pressão institucional por publicação aumentou, dado que o impacto das publicações qualifica, agora, não somente o programa, mas todos a ele vinculados. Isso fez com que os docentes dos programas de pós-graduação (de onde saem a maior parte da produção científica da área) passassem a ter publicações em duplicidade, ou seja, “um mesmo trabalho em diferentes veículos de comunicação científica” (MIGLIOLI, 2012, p. 279) considerando os critérios de originalidade e ineditismo presentes nos eventos e periódicos da área.

As categorias definidas, *a priori*, para análise foram: palavras-chave dos artigos (possibilitando a criação de uma nuvem de palavras), autoria e filiação dos autores (estabelecendo a rede de cooperação entre os autores), perfil metodológico (estabelecendo a relação entre natureza teórica x teórica-empírica, abordagem qualitativa x abordagem quantitativa) e referências (estabelecendo principais obras e autores utilizados como fonte de pesquisa).

Cada artigo foi analisado em termos de seu conteúdo com a finalidade de identificar informações a respeito das categorias acima indicados.

Para a análise de dados foi utilizada a análise de conteúdo descrita em Bardin (2011, p. 44), pois se considera que esse procedimento de análise compreenda:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Estabelecidos os caminhos metodológicos, apresentam-se os resultados do estudo.

4 O QUE ACONTECEU NOS ÚLTIMOS 15 ANOS?

Um total de 26 periódicos publicaram 104 artigos sobre estudos organizacionais entre 2000 e 2015. Em termos de quantidade de publicação, o destaque é para o Cadernos EBAPE.BR que divulgou 25 artigos na área e para as revistas classificadas como B, com 54 artigos publicados no período. Importante destacar que, apesar das revistas classificadas no extrato B serem avaliadas como sendo de segunda linha pela CAPES (MARTINS; SENNES, 2013), foram as que mais publicaram artigos em estudos organizacionais.

Os periódicos estão classificados por ordem alfabética na Tabela 1.

Tabela 1 – Lista de periódicos, quantidade de artigos publicados e classificação Qualis/CAPES

Periódico	Quantidade de artigos	Qualis/ CAPES em Adm
-----------	-----------------------	----------------------

	publicados	(2013/2014)
Administração: Ensino e Pesquisa	4	B3
Cadernos EBAPE.BR	25	A2
Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão	1	B3
Gestão e Sociedade	3	B5
GESTÃO.Org	7	B5
Organizações & Sociedade	9	A2
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	1	B3
REAd. Revista Eletrônica de Administração	1	B1
Revista Alcance	1	B3
Revista Brasileira de Estratégia	1	B4
Revista de Administração	1	B4
Revista de Administração Contemporânea	11	B1
Revista de Administração da Unimep	2	B2
Revista de Administração de Empresas	12	A2
Revista de Administração e Inovação	1	B2
Revista de Administração FACES Journal	2	B2
Revista de Administração Mackenzie	3	B1
Revista de Administração Pública	4	A2
Revista de Ciências da Administração	6	B2
Revista de Gestão e Projetos	1	B3
Revista de Negócios	1	B3
Revista Gestão & Planejamento	1	B3
Revista Gestão Organizacional	2	B5
Revista Organizações em Contexto	3	B3
Revista Pretexto	1	B3

Fonte: Dados da pesquisa, 2015

Sobre o volume de publicações para o período analisado (2000-2015) é possível visualizar, ao menos, três momentos: (1) que vai do período de 2000 a 2004, em que pouco se foi produzido e a quantidade de publicações se manteve estável; (2) de 2005 a 2012, em que se verifica o crescimento mais acentuado das publicações e (3) a partir de 2012, momento que se identifica uma diminuição da publicação científica na área.

A respeito das palavras-chave utilizadas como mecanismo de indexação dos periódicos, pode-se dizer que devido ao aumento progressivo do número de artigos disponíveis nos periódicos e eventos da comunidade científica e, conseqüentemente, a dificuldade de tomar conhecimento de tudo aquilo que foi produzido, tornou-se necessário o uso de certos elementos que permitissem resumir o conteúdo de um documento sem a perda de informação, aponta Gonçalves (2008). Assim, é comum encontrar nos artigos de periódicos a presença de palavras-chave como elemento pré-textual obrigatório e de fundamental importância para a recuperação informacional (A NBR 6022:2003 apresenta a estrutura de artigos científicos. Dentre os elementos pré-textuais indicados na norma, encontram-se as palavras-chave na língua do texto). Define-se, portanto, palavra-chave como sendo uma palavra que representa o conteúdo do documento (ASSOCIAÇÃO..., 2003). Isso implica dizer que, em um artigo científico, as palavras-chave sugerem a indicação dos principais conceitos e assuntos, sendo bastante úteis para o processo de indexação em mecanismos de busca ou categorização de texto (ERCAN; CICEKLI, 2007).

Considerando, portanto, a importância das palavras-chave para recuperação dos artigos científicos, foi estabelecida uma nuvem de palavras (Figura 1) a partir dos termos utilizados enquanto instrumento de representação da informação contida nos textos analisados. É importante salientar, neste ponto, que as nuvens de palavras são, conforme Rivadeneira et al.

Francis Kanashiro Meneghetti	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	5
Carolina Machado S. de Albuquerque Maranhão	Centro Universitário UNA	4
José Henrique de Faria	Universidade Federal do Paraná	4
Carlos Maciel Stieg	Faculdades Adventistas de Minas Gerais	3
César Tureta	Escola Superior de Propaganda e Marketing	3
Christiane Kleinübing Godoi	Universidade Federal de Santa Catarina	3
Clóvis L. Machado-da-Silva	Universidade Federal do Paraná	3
Edson Ronaldo Guarido Filho	Universidade Positivo	3
Fábio Vizeu Ferreira	Centro Universitário Positivo	3
Gideon Carvalho de Benedicto	Universidade Federal de Lavras	3
Gustavo Henrique Nogueira de Andrade	Universidade Federal de Lavras	3
Luciano Munck	Universidade Estadual de Londrina e Pontifícia Universidade Católica do Paraná	3
Márcia de Freitas Duarte	Fundação Getúlio Vargas - SP	3
Maria Ceci Araujo Misoczky.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	3
Rafael Alcadipani	Fundação Getúlio Vargas - SP	3
Rafael Borim de Souza	Universidade Estadual de Londrina	3
Samuel Carvalho De Benedicto	Universidade Federal de Lavras	3
Sueli Goulart	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	3
Alexandre Reis Rosa	Universidade Federal de Lavras	2
Ana Lúcia Guedes	Fundação Getúlio Vargas - RJ	2
Ana Paula Paes de Paula	Universidade Federal de Minas Gerais	2
Carlos Eduardo Justen	Universidade Federal de Santa Catarina	2
Claudiany Waiandt	Universidade Federal do Espírito Santos	2
Diego Maganhoto Coraiola	Centro Universitário Curitiba	2
Eloise Helena Livramento Dellagnelo	Universidade Federal de Santa Catarina	2
Luciano Rossoni	Universidade Positivo	2
Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo	Faculdade Novos Horizontes	2
Queila Regina Souza Matitz	Universidade Positivo	2
Rogério Zanon da Silveira	Universidade Federal de Minas Gerais	2
Sergio Bulgacov	Universidade Federal do Paraná	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2015

Com relação às instituições de origem dos pesquisadores, merece destaque o fato de que a produção científica se concentra em instituições do sul e sudeste do país (apenas uma universidade do Nordeste apareceu na lista: Universidade Federal de Sergipe).

Em consonância com os achados de Tonelli (2015), a área de estudos organizacionais também tem sido feita por homens. Assim como apontado por Tonelli (2015), sugere-se, para pesquisas futuras, que seja investigada a questão de ciência e gênero e o papel das mulheres na história do campo acadêmico-científico em Administração no Brasil.

Entre autores e coautores, foi possível identificar um total de 162 pesquisadores (entre alunos e docentes). A análise da autoria dos artigos (tabela 4) indica que é significativa a produção em coautoria entre dois ou três pesquisadores (70,2%).

Tabela 4 – Quantidade de Autores por Artigo

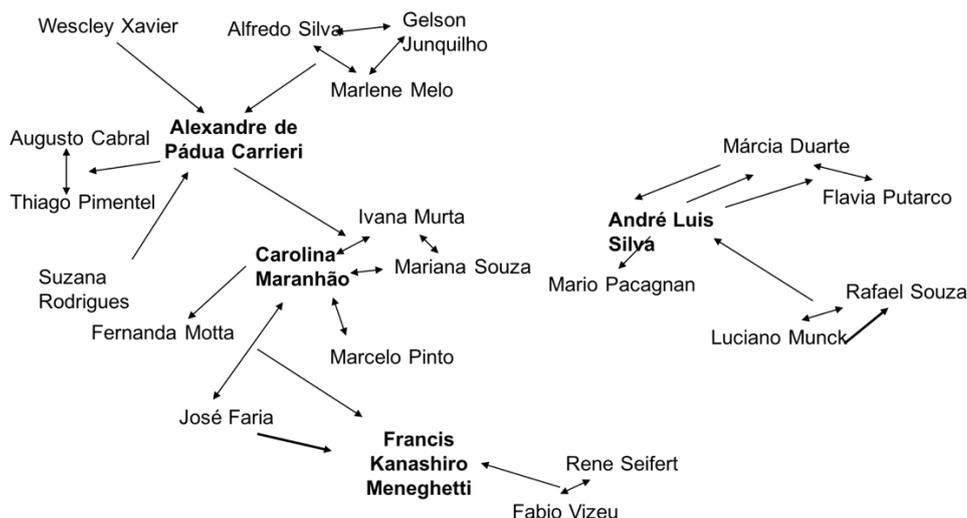
Autoria	1 autor	2 autores	3 autores	4 autores	5 autores
Quantidade de artigos	24	50	23	6	1
%	23,1%	48,1%	22,1%	5,8%	1,0%

Fonte: Dados da pesquisa, 2015

A partir dos laços de associação entre os pesquisadores foi elaborada uma rede de

cooperação para aqueles com mais publicações na área. É possível identificar as relações de autoria e coautoria entre os principais pesquisadores e a rede criada entre eles. Pode-se também identificar a existência de uma grande rede de cooperação envolvendo diversos autores, com destaque para rede criada a partir Alexandre de Pádua Carrieri, envolvendo dezesseis outros pesquisadores. Levando em consideração as pressões do sistema de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em que atribui importância significativa às pesquisas que resultem em publicações, aqueles pesquisadores que optarem pela coautoria conseguem aumentar, significativamente, suas possibilidades de publicação, além do que, acabam por criar redes de cooperação na produção acadêmica brasileira.

Figura 2 – Rede de cooperação entre os autores com mais publicações na área



Fonte: Dados da pesquisa, 2015

Nesse sentido, Paes de Paula (2015) observa que existe um campo fértil para a propagação de trabalhos com múltipla autoria e um padrão em termos de formação das redes de cooperação. Nesse sentido, as redes podem ser formadas de acordo com três tipos de padrão: primeiro, em função das exigências dos programas de pós-graduação (requisito para obtenção de títulos e manutenção de bolsas de estudo), e assim, tem-se as publicações isoladas e sem continuidade; em segundo lugar, tem-se a produção descontínua, quando o autor troca frequentemente de temática e abordagem, pois publica conforme as oportunidades e parcerias surgidas ao longo do caminho; e em terceiro lugar, a prática conhecida como *salami science*, ou seja, a produção particionada, e assim, a equipe de pesquisadores fatia os resultados da pesquisa em diversos artigos de maneira que, uma vez publicados, contribuem para multiplicar os pontos no Lattes. Assim, questiona-se se o campo de estudos organizacionais no país não estaria, portanto, sendo vítima dessa produção particionada, fruto do desmembramento de teses, dissertações e relatórios de pesquisa. É importante lembrar que esta prática parece ser recorrente na área e ser ensinada nos cursos de *stricto sensu*.

A Tabela 4 apresenta o perfil metodológico (a relação entre natureza teórica x teórica-empírica e abordagem qualitativa x abordagem quantitativa em função dos estratos dos periódicos). Os artigos analisados apresentam, predominantemente, natureza teórica (73), sugerindo que as discussões nos estudos organizacionais, prioritariamente, privilegiam o campo das ideias, com preocupação em fomentar discussões teóricas (críticas ou não). Dos artigos classificados como teórico-empíricos (31), observa-se que há predominância da

abordagem qualitativa (entrevistas semiestruturadas e etnografia) e da estratégia do estudo de caso. Nesse sentido, questiona-se até que ponto essa escolha metodológica demonstra uma abertura da área em adotar uma postura menos prescritiva? Ou, continua, a área, estabelecendo a antiga guerra entre os paradigmas (LEÃO; MELLO; VIEIRA, 2009)? Uma consideração importante a ser feita é que, dos doze artigos com abordagem quantitativa, dez tiveram como objetivo realizar o mapeamento da produção científica em estudos organizacionais, demonstrando a importância que os indicadores da atividade científica tem recebido, especialmente no campo da Administração, cuja produção acadêmica tem crescido em quantidade nas últimas décadas (LOPES; BERNARDES, 2001; DAVEL; ALCADIPANI, 2002; CALDAS; TONELLI; LACOMBE, 2002; KIRSHBAUM; PORTO; FERREIRA, 2004).

Tabela 5 – Perfil metodológico dos artigos

	B1	B2	B3	A2	TOTAL
Teórico	30	8	11	24	73
Teórico-Empírico	11	2	6	12	31
Abordagem qualitativa	6	1	4	8	19
Abordagem quantitativa	5	1	2	4	12

Fonte: Dados da pesquisa, 2015

Com relação às referências utilizadas, foram catalogadas 4.469 obras nos 104 textos analisados. A tabela 6 apresenta os dez autores (estrangeiros e brasileiros) que mais tiveram suas obras referenciadas nos artigos. O procedimento adotado foi o de registrar a frequência em que cada autor aparecia como referência em cada artigo. Nesse sentido, embora os pesquisadores brasileiros continuem adotando os autores de origem anglo-saxônica, vale a pena chamar atenção para o fato de que alguns autores nacionais começam a aparecer na lista dos principais referenciados, sugerindo não apenas um aumento em termos de quantidade de publicação como também um reconhecimento da qualidade e relevância da publicação nacional, já que é produzida dentro ou a partir de um contexto próprio.

Tabela 6 – Principais autores referenciados

Autores	País de origem do autor(a)	Quantidade de citações
Alberto Guerreiro Ramos	Brasil	29
Ana Paula Paes de Paula	Brasil	24
Anthony Giddens	Inglaterra	27
Carlos Osmar Bertero	Brasil	21
Clóvis Luiz Machado-da-Silva	Brasil	36
Fernando C Prestes Motta	Brasil	23
Gareth Morgan	Inglaterra	26
Gibson Burrell	Inglaterra	37
José Henrique de Faria	Brasil	21
Jürgen Habermas	Alemanha	25
Karl Max	Alemanha	18
Marcelo Milano Falcão Vieira	Brasil	23
Mats Alvesson	Suécia	29
Maurício Tragtenberg	Brasil	30
Michael Reed	Inglaterra	31
Michel Foucault	França	22
Miguel Pinto Caldas	Brasil	22
Stewart Clegg	Inglaterra	27
Sylvia Constant Vergara	Brasil	20
Theodor W. Adorno	Alemanha	33

Fonte: Dados da pesquisa, 2015

Das obras mais consultadas, destacam-se os textos de Burrell e Morgan, *“Sociological Paradigms and Organisational Analysis: Elements of the Sociology of Corporate Life”*, produzido em 1979 e utilizado em vinte artigos. Embora seja uma obra de 36 anos, permanece sendo bastante utilizada, a despeito de outras referências, que inclusive questionam a noção de paradigma. O outro texto é o de Guerreiro Ramos, publicado em 1981, *“A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações”*, utilizado em dez artigos. Nesse sentido, é importante dizer que embora seja inegável a tentativa de se produzir estudos organizacionais com viés crítico, nos últimos anos, Paes de Paula (2015) alerta para o fato de a academia se mostrar cada vez menos propícia ao desenvolvimento de artigos com abordagem mais crítica.

Assim, sendo consideradas, portanto, as produções dessa natureza como “flores exóticas” pelos editoriais dos principais periódicos da área, Paes de Paula (2015) sugere que tais periódicos parecem seguir padrões de avaliação que permitem, tão somente, favorecer a publicação de artigos produzidos de acordo com o atual produtivismo científico. Nesse sentido, não são lembrados autores que propõem uma visão crítica aos estudos organizacionais, tais como Guerreiro Ramos (embora referenciado) e Maurício Tragtenberg ou, ainda, as contribuições de outros críticos brasileiros em consonância com o humanismo radical – Garcia, Serva, Tenório, Prestes Motta e Faria (PAES DE PAULA et al., 2010).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a fazer uma releitura do contexto acadêmico em que os estudos organizacionais estão sendo desenvolvidos no país a partir de uma discussão iniciada por Rodrigues e Carrieri (2001). Nesse sentido, foram analisados os periódicos indexados na base de dados do *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL), com o objetivo de contribuir para o entendimento de como os acadêmicos estão produzindo os estudos organizacionais no contexto brasileiro.

Foi apresentada a evolução dos estudos organizacionais no país de 2000 até meados de 2015 tomando como base a análise das palavras-chave (possibilitando a criação de uma nuvem de palavras), de autoria e filiação dos autores (estabelecendo a rede de cooperação entre os autores), do perfil metodológico (estabelecendo a relação entre natureza teórica x teórica-empírica, abordagem qualitativa x abordagem quantitativa) e das referências (estabelecendo principais obras e autores utilizados como fonte de pesquisa) em 104 artigos recuperados.

Com a análise dos principais periódicos dos anos 90 do século XX (RAE, RAC, RAP e RAUSP), Rodrigues e Carrieri (2001) chegaram a conclusão, à época, de que os estudos organizacionais sofriam grande influência do mundo anglo-saxão e que havia uma dificuldade em se criar uma linha paradigmática e tradição na área, pois não era observada a replicação de estudos já realizados ou o uso de modelos experimentados por outros autores. Desse modo, havia muito espaço para a literatura estrangeira se tornar elemento formador de consenso e tradição, permanecendo a área contraditoriamente dividida entre os que acreditavam que os modelos estrangeiros não tinham nenhuma utilidade para o contexto brasileiro, e os que se apoiavam inteiramente na literatura estrangeira e acreditavam que muitas das inovações não tinham sido produzidas internamente.

A releitura de tal contexto revelou que a produção científica em estudos organizacionais nos últimos 15 anos pouco (ou nada) mudou, ou seja, continua sensível a predominância da visão eurocêntrica, embora alguns autores nacionais comecem a aparecer na lista dos principais referenciados, quais sejam: Clóvis Luiz Machado-da-Silva, Maurício Tragtenberg, Alberto Guerreiro Ramos, Ana Paula Paes de Paula, Fernando C Prestes Motta, Marcelo Milano

Falcão Vieira, Miguel Pinto Caldas, José Henrique de Faria, Carlos Osmar Bertero, Sylvia Constant Vergara. Nesse sentido, corrobora-se com Crubellate (2005), quando o autor afirma que os estudos organizacionais no Brasil precisam se nacionalizar, ou seja, encontrar sua própria originalidade, sem perder a inclinação universal, característica própria dessa área.

Contrariando Paes de Paula (2015), quando a autora afirma que os periódicos não privilegiam mais trabalhos teóricos, os achados desse estudo indicam que artigos analisados apresentam, predominantemente, natureza teórica, sugerindo que as discussões nos estudos organizacionais, prioritariamente, privilegiam o campo das ideias, com preocupação em fomentar discussões teóricas (críticas ou não).

Isto posto, é possível dizer que, nos últimos 15 anos, não houve grandes mudanças (ou avanços) no desenvolvimento da produção científica dos estudos organizacionais brasileiros, especialmente quando comparado aos achados de Rodrigues e Carrieri (2001). A hegemonia anglo-saxônica permanece em nossas produções e os estudos organizacionais continuam referendando, dentro de seu *mainstream*, como a corrente teórica dominante. Assim, ao considerar que a teoria organizacional não apenas reflete a prática das organizações como também ajuda a formulá-la, conforme discutem Marsden e Townley (1999), é de se esperar que, com as mudanças nos contextos sociais e históricos e também com as transformações nas próprias organizações, tanto a teoria quanto a prática terminem se (re)configurando ao longo dos tempos. Em razão disto, pode ser relevante, assim como sugere Tonelli (2015), que pesquisas futuras analisem como conceitos importados são incorporados na realidade nacional, ou, como colocam Paes de Paula et al (2010), que busquem criar teorias nacionais para compreender e lidar com os fenômenos organizacionais brasileiros.

Devido a questões relacionadas tanto ao produtivismo acadêmico, alardeado por Rego (2014), quanto ao solo hostil para a pesquisa e produção acadêmica com viés crítico, apontado por Paes de Paula (2015), tem-se, para o período analisado (de 2000 a 2015), uma baixa produção de artigos que apresentam uma perspectiva crítica em relação aos estudos organizacionais. Considerando, assim, que “pouco tem sido feito do ponto de vista político e institucional para remediar essa situação, de modo que [publicações com viés crítico] podem estar seriamente ameaçadas de extinção” (PAES DE PAULA, 2015, p. 411), sugere-se que sejam produzidos trabalhos sobre teoria organizacional e sobre crítica do *management* mantendo-se uma intenção emancipatória, mas sem se distanciar da *práxis*, ou seja, é importante que haja um interesse prático, dos pesquisadores, nas questões sociais. Isso implica que não deve ser feita a crítica pela crítica, mas ressaltar e provocar o potencial da consciência humana de maneira que, ressaltam Kopelke e Boeira (2014), os profissionais da área tenham condições de refletir a respeito das práticas opressivas das organizações.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTERO, Carlos Osmar. **Ensino e pesquisa em Administração**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BERTERO, Carlos Osmar; CALDAS, Miguel Pinto; WOOD JUNIOR, Thomaz. Produção científica em Administração de Empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. **RAC**, v.3, n.1, jan./abr. 1999.

BERTERO, Carlos Osmar; KEINERT, Tania Margarete Mezzomo. A evolução da produção brasileira em Análise Organizacional a partir dos artigos publicados pela RAE no período de 1961-93. **RAE**, v. 34, n. 3, maio/jun. 1994.

CALDAS, Miguel; TONELLI, Maria José; LACOMBE, Beatriz Maria Braga. Espelho, Espelho Meu: Metaestudo da Produção Científica em Recursos Humanos nos ENANPADs da Década de 90. In: ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 16., 2002, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, São Paulo: Anpad, 2002.

CHANLAT, Jean-François. Organizational literature, francophone. In: CLEEG, Stewart.R.; BAILEY, James R. **International Encyclopedia of Organization Studies**. London: SAGE, 2008.

CLEEG, Stewart.R.; HARDY, Cinthia. Introduction organizations, organization and organizing. In: CLEEG, Stewart.R.; HARDY, Cinthia; NORD, Walter R. **Handbook of Organization Studies**. London: SAGE, 1996.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2010.

CRUBELLATE, João Marcelo. Estudos organizacionais no Brasil: do futuro que queremos e do futuro que teremos. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 3, n. 3, dez. 2005.

DAVEL, Eduardo; ALCADIPANI, Rafael. Estudos críticos em Administração: reflexões e constatações sobre produção brasileira. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2002, Recife. **Anais...** Recife: Observatório da Realidade Organizacional: PROPAD/UFPE: ANPAD, 2002.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

ERCAN, Gonenc; CICEKLI, Ilyas. Using lexical chains for keyword extraction. **Information processing and management**, v. 43, p. 1705-1714, 2007.

FACHIN, Roberto; RODRIGUES, Suzana Braga. Nota técnica: teorizando sobre organizações – vaidades ou pontos de vista? In: CLEEG, Stewart. R.; HARDY, Cinthia; NORD, Walter R. **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.

GONÇALVES, A. L. Uso de resumos e palavras-chave em Ciências Sociais: uma avaliação. **Encontros Bibli**, v. 13, n. 26, 2008.

HEMAIS, Bárbara; VERGARA, Sylvia Constant. O jeito brasileiro de publicar em estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 8, n. 20, jan./abr. 2001.

JUSTEN, Carlos Eduardo et al. Semeando o antropofagismo na produção acadêmica institucionalista brasileira em Administração a partir de uma abordagem interdisciplinar. **Revista Ciências da Administração**, v. 14, n. 34, p. 9-23, dez. 2012.

KIRSHBAUM, Charles; PORTO, Elvio Corrêa; FERREIRA, Fernando Coelho Martins. Neo-Institucionalismo na produção acadêmica em Administração. **RAE-Eletrônica**, v.3, n.1, maio/jun. 2004.

KOPELKE, André Luiz; BOEIRA, Sérgio Luís. Estudos Organizacionais Críticos e o Ensino de Graduação em Administração no Brasil. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 8., 2014, Gramado. **Anais...** Gramado: Anpad, 2014.

LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza; MELLO, Sérgio Carvalho Benício; VIEIRA, Ricardo Sérgio Gomes. O papel da teoria no método de pesquisa em Administração. **Organizações em contexto**, Ano 5, n. 10, jul./dez. 2009.

- LOPES, Humberto Elias Garcia; BERNARDES, Patrícia. Ampliando a análise da produção científica em administração: o indutivo *versus* o dedutivo. **Economia & Gestão**, v. 1, n. 2, jul./dez. 2001.
- MACHADO-DA-SILVA, Clovis Luis; CUNHA, Vera Carneiro; AMBONI, Nério. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 16., 1990, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Anpad, 1990.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. Epistemologia da pesquisa em administração. In: ASAMBLEA ANUAL CLADEA, 31., 1996, Santiago. **Anais...** Santiago: CLADEA, 1996.
- MARSDEN, Richard; TOWLEY, Barbara. Introdução: a coruja de Minerva – reflexões sobre a teoria na prática. In: CLEGG, Stewart; HARDY, Cynthia; NORD, Walter. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARTINS, Regina; SENNES, Ubirajara. The bottleneck in ENT graduate programs in Brazil. **Brazilian Journal of Otorhinolaryngology**, n. 79, v. 1, jan./fev. 2013.
- MASCARENHAS, André Ofenhejm; ZAMBALDI, Felipe; MORAES, Edmilson Alves. Rigor, Relevância e Desafios da Academia em Administração: Tensões entre Pesquisa e Formação Profissional. **RAE**, v. 51, p. 265-279, 2011.
- MATTOS, Pedro Lincoln C. L. de. Nós e os índices: a propósito da pressão institucional por publicação. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 144-149, jun. 2008.
- MIGLIOLI, Sarah. Originalidade e ineditismo como requisitos de submissão aos periódicos científicos em Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n.2, set. 2012.
- MISOCZKY, M. C.; FLORES, R. K.; GOULART, S. An anti-management statement in dialogue with critical Brazilian authors. **Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 2, p. 130-138, 2015.
- MISOCZKY, Maria Ceci; AMANTINO-DE-ANDRADE, Jackeline. Uma crítica à crítica domesticada nos estudos organizacionais. **RAC**, v. 9, n. 1, jan./mar. 2005.
- MOTA, Flavio Perazzo Barbosa et al. A utilização de teorias em estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. **Administração: ensino e pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 447-467, jul./set. 2010.
- MUNCK, Luciano; SOUZA, Rafael Borim de. Estudos organizacionais: uma relação entre paradigmas, metanarrativas, pontos de interseção e segmentações teóricas. **Pretexto**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p.95-112, abr./jun. 2010.
- ONUMA, Fernanda Mitsue Soares; TEIXEIRA, Juliana Cristina; MOREIRA, Lilian Barros. Reflexões acerca do Campo dos Estudos Organizacionais: Perspectivismo Teórico e Organizações como Espaços socialmente construídos. In: ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 37., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpad, 2013.
- PAES DE PAULA, A. P. Apresentação: Estudos organizacionais críticos e pensadores nacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 3, p. 410-413, 2015.
- PAES DE PAULA, A. P. et al. A tradição e a autonomia dos estudos organizacionais críticos no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 1, p. 10-23, 2010.
- PATRUS, Roberto; DANTAS, Douglas Cabral; SHIGAKI, Helena Belintani. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares?. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-18, mar. 2015.

REED, Michael. Organizational Theorizing: a Historically Contested Terrain. In: CLEEG, Stewart.R.; HARDY, Cinthia; NORD, Walter R. **Handbook of Organization Studies**. London: SAGE, 1996.

REED, Michael. Organizational Teorização organizacional: um campo historicamente contestável. In: CLEEG, Stewart. R.; HARDY, Cinthia; NORD, Walter R. **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.

REGO, T. C. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 2, p. 325-346, 2014.

RIVADENEIRA, A. et al. Getting our head in the clouds: toward evaluation studies of tagclouds. In: SIGCHI CONFERENCE ON HUMAN FACTORS IN COMPUTING SYSTEMS, 2007., San Jose, California, USA. **Proceedings...** 2007. p. 995-998.

RODRIGUES, S. B.; CARRIERI, A. P. A tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 5, número especial, p. 81-102, 2001.

ROSA, Alexandre Reis; ALVES, Mario Aquino. Pode o conhecimento em Gestão e Organização falar Português?. **RAE (Impresso)**, v. 51, p. 255-264, 2011.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

TONELLI, Maria José. A gênese do campo acadêmico em administração no Brasil: 30 anos de publicações na RAUSP e na RAE. In: ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 39., 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Anpad, 2015.

VERGARA, Sylvia Constant; PECL, Alketa. Escolhas metodológicas em estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 10, n. 27, 2003.

VERGARA, Sylvia Constant; PINTO, Mário Couto Soares. Referências teóricas em análise Organizacional: um Estudo das Nacionalidades dos Autores Referenciados na Literatura Brasileira. **RAC**, edição especial, 2001.

WAIANDT, Claudiani; FISCHER, Tânia. O ensino dos estudos organizacionais nas instituições brasileiras: um estudo exploratório nos cursos de pós-graduação stricto sensu de Administração. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 14, n. 4, p. 785-836, out./dez. 2013.

WHITLEY, R. Academic knowledge and work jurisdiction in management. **Organization Studies**, v. 16, n. 81, 1995.

Artigo recebido em 21/12/2015 e aceito para publicação em 11/03/2016
